

Memória e identidade: a experiência da coluna *Você conhece este lugar?*



Amanda Gonçalves de Santa

*Universidade Estadual de Londrina
Especialista em Fotografia
Editora online do Jornal de Londrina
E-mail: amandagdesanta@hotmail.com*

Paulo César Boni

*Universidade de São Paulo
Doutor e pós-doutorando em Ciências da Comunicação
Bolsista Produtividade da Fundação Araucária
E-mail: pcboni@sercomtel.com.br*

Resumo: Desde 2007, o Jornal de Londrina mantém a coluna *Você conhece este lugar?*, que publica fotografia em plano fechado com um detalhe arquitetônico de espaços públicos ou privados da cidade desafiando seus leitores a identificá-lo. Depois a publica em plano aberto. Resultados parciais da pesquisa serão apresentados objetivando identificar as variáveis que fazem os leitores acertarem mais determinados espaços que outros. Utiliza as noções de lugar e não-lugar, de memória e identidade.

Palavras-chave: Lugar e não-lugar, fotografia e memória, Jornal de Londrina, coluna *Você conhece este lugar?*

Memory and identity: the experience of the column you know this place?

Abstract: Since 2007, the Jornal de Londrina publishes the column *Do you know this place?*, a snap of some public place, and then the readers are challenged to guess what is it. On Tuesdays, it releases the full picture. This paper shows results of a research aimed at identifying the variables that influence readers winning more when some spaces are concerned rather than others. It uses the notions of place and non-place, memory and identity.

Keywords: Place and non-place, photography and memory, Jornal de Londrina, column *Do you know this place?*

Mémoire et identité: l'expérience de la rubrique Connaissez-vous cet endroit-ci ?

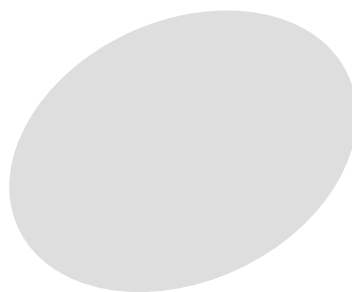
Résumé: Depuis 2007, le Jornal de Londrina entretient une rubrique: *Connaissez-vous cet endroit-ci ?* Les lundis, on y publie une photo où on isole un détail architectonique dans un endroit public ou privé de la ville, et les lecteurs sont mis au défi de le reconnaître. Les mardis, la photo est publiée en plan d'ensemble, et les trouveurs sont révélés. Cet article présente des résultats partiels d'une recherche qui a eu pour l'objet identifier les variables qui font les lecteurs trouver certains espaces plus facilement que des autres. On y adopte les notions de lieu et non lieu, mémoire et identité.

Mots-clés: Lieu et non-lieu, photographie et memoire, Jornal de Londrina, rubrique *Connaissez-vous cet endroit-ci?*

Uma saudável brincadeira de observação visual, lançada em 2007 pelo *Jornal de Londrina*, virou mania entre muitos londrinenses, leitores do periódico. Trata-se da coluna *Você conhece este lugar?* Às segundas-feiras, no rodapé da página 2, o jornal publica uma fotografia que recorta algum detalhe de espaços públicos (preferencialmente) ou privados de Londrina e desafia seus leitores a, com base apenas no detalhe e em seus conhecimentos visuais da cidade, identificar o espaço recortado e escreverem ou ligarem para a redação e apontar a resposta. Como uma espécie de prêmio aos acertadores, na terça-feira, o jornal publica, na mesma página e espaço, uma fotografia em plano aberto do espaço questionado e nomeia os que acertaram a resposta.

No início da coluna, entre 2007 e 2008, o jornal priorizou espaços públicos bastante conhecidos – que se tornaram ícones – e o número de respostas e os índices de acertos foram muito altos. Com o passar dos anos, esses espaços foram esgotados e, vez ou outra, o jornal se vê obrigado a questionar espaços privados ou fora do centro da cidade e, naturalmente, os números de respostas e de acertos caem drasticamente, chegando, em alguns casos, a zero de acerto. Provavelmente

Inspirada na coluna do jornal norte-americano Bluffton Today, Você conhece este lugar? tornou-se popular entre os leitores do Jornal de Londrina



em razão do número de respostas e acertos tão baixos, quando desses casos, o jornal se vê na contingência de repetir espaços (com outro detalhe) já questionados em edições anteriores.

Com mais de seis anos de circulação, a coluna desperta a curiosidade de muitos leitores e instiga alguns a participarem da brincadeira. A maioria responde por impulso, quando identifica de imediato o lugar. Alguns, contudo, transformaram a brincadeira em uma espécie de competição e saem às ruas para identificar o espaço questionado e acertar a resposta. É comum nomes se repetirem semanalmente entre os acertadores. Por ocasião de um dos aniversários da coluna, o jornal publicou um ranking com os principais acertadores, que, além da satisfação de acertar, confirmaram considerar a coluna uma espécie de competição.

Independente dos que “competem” e dos que esporadicamente “participam”, o objeti-

vo deste trabalho é entender os porquês de determinados espaços receberem um número elevado – e outros um número pequeno – de respostas e acertos. Para tanto, partindo do pressuposto de que alguns espaços são mais conhecidos que outros, foram adotados os conceitos de lugar e não-lugar, propostos por Augé (1994), e de memória e identidade, utilizados por Hoffmann (2010), para identificar variáveis e buscar possíveis respostas.

Este artigo propõe e trabalha com dois recortes temporais. O primeiro, de 26 de março de 2007 a 31 de março de 2008, ou seja, o primeiro ano de circulação da coluna, quando os espaços públicos mais conhecidos foram predominantes. O segundo, de 18 de janeiro de 2011 a 19 de dezembro de 2011¹ mais recente, em que, por força das circunstâncias (evitar repetições), o uso de espaços privados foi mais explorado pela coluna. A identificação da coluna com os leitores do *Jornal de Londrina* é tão longa e saudável que, antes de trabalhar as variáveis de respostas e acertos, ela merece explicações de suas origens, objetivos e resultados.

● Você conhece este lugar?

A coluna foi criada em março 2007, com o objetivo de promover a interatividade com os leitores. O exercício de identificar determinado aspecto ou detalhe de algum espaço da cidade seja de um monumento histórico, prédio público, igreja, praça ou prédio privado, desperta a curiosidade de muitos leitores. Durante o levantamento realizado para este estudo, foi possível constatar a participação frequente das mesmas pessoas na coluna.

É o caso do imobiliário Abílio Medeiros, de 52 anos, do servidor público Elias Eiki Otaguiri, de 39 anos, e do médico Jorge Ta-

¹ Os anos analisados (2007 e 2011) não fecham exatamente de 1º de janeiro a 31 de dezembro, ou exatas 52 semanas, em razão da circulação do jornal (que nos finais de ano faz pequenos recessos), e/ou da veiculação da coluna (que costuma não ser veiculada nas duas últimas semanas de dezembro e primeira semana de janeiro).

deu de Assis, de 62 anos. Os três contam que passaram a olhar a cidade de forma diferente depois de conhecerem a coluna. Para Medeiros, participar é um desafio prazeroso. “Já me envolvi mais; e não aceitava errar”, admite. No começo, confessa, costumava pegar o jornal nas manhãs de segunda-feira e sair pela cidade para pesquisar sempre que estivesse em dúvida ou não fizesse ideia de qual lugar era aquele trazido pela coluna. “Tinha segunda-feira de manhã que eu nem trabalhava direito.”

O fato de ser um participante assíduo faz com que as pessoas ao seu redor o cobrem pelos resultados. “Minha memória fotográfica é boa”, afirma, mas ele não se esquece de um dos poucos palpites errados. “Publicaram um detalhe da Casa do Papai Noel, que eu ajudei a construir, pois era um projeto da ACIL (Associação Comercial e Industrial de Londrina), da qual eu era presidente. Passei batido”, lembra. Por outro lado, se orgulha de ter sido o único acertador em uma das edições.

Tive oportunidade de uma vez acertar sozinho um detalhe da Delegacia de Trânsito, na Rua Tupi. Foi de um ângulo impossível. Consegui acertar porque, no fundo [da fotografia], tinha a sombra de um prédio. Sabia que era na região das ruas, Santos e Paranaguá. Saí para andar por ali. Estava subindo a Rua Tupi e, do lado direito, tem um colégio. Estava procurando o ângulo do edifício atrás. Por meio do edifício achei o ponto. Acabei mandando e acertando sozinho. É um desafio contra você mesmo (Medeiros, entrevista).

Depois da coluna, o funcionário público Elias Otaguiri diz olhar a cidade com outros olhos. “Ando muito pelo centro de Londrina. Não ando olhando para o chão, fico observando os prédios”, conta. Em sua opinião, é mais fácil identificar os espaços públicos que os privados. O médico Jorge de Assis concorda. Ele conta que costuma levar o jornal para a clínica onde trabalha para discutir com os colegas a identificação do lugar. “Quando o jornal começou a perguntar ‘que lugar é este?

’, passei a andar pela cidade e observar os detalhes.”

Inspirada em uma coluna do jornal norte-americano *Bluffton Today*, do estado da Carolina do Sul, *Você conhece este lugar?* tornou-se uma das principais formas de participação do leitor do *Jornal de Londrina*. A participação é tão significativa que quando a coluna não é veiculada por algum motivo, o jornal recebe diversas reclamações dos leitores.

Roberto Custódio, fotógrafo responsável pela maioria das imagens publicadas, diz que busca destacar a melhor referência ou a primeira coisa que lhe chama atenção no espaço fotografado. No caso de prédios, por exemplo, ele tenta explorar as peculiaridades dos aspectos arquitetônicos. Com mais de seis anos de existência, a coluna se vê na contingência de repetir locais já publicados anteriormente. “Faço um detalhe diferente”, explica Custódio.

O fotógrafo conta que alguns participantes assíduos da coluna costumam sair pelas ruas com o jornal nas mãos para encontrar o local fotografado. Ele afirma já haver flagrado situações desse tipo. “Uma vez eu fiz um detalhe da AREL (Associação Recreativa e Esportiva Londrinense) e quando saí na segunda-feira para cumprir uma pauta, próximo da sede da associação, vi um rapaz com o *JL* na mão, olhando em direção ao prédio”, conta.

● Espaços e participações

Para a análise proposta neste estudo foram realizados dois levantamentos. Um deles, referente ao primeiro ano da coluna, abrange de 23 de março de 2007 a 31 de março de 2008, com 51 fotografias publicadas. Nesse período, o jornal contou com a participação de 3.583 leitores. O segundo levantamento refere-se às 48 fotografias publicadas entre 18 de janeiro e 19 de dezembro de 2011. Neste ano, a participação dos leitores foi mais tímida: o jornal recebeu 1.058 respostas de leitores que tentaram acertar quais eram os espaços publicados na coluna.

Quadro 1 – Primeiro ano da coluna (23/03/2007 a 31/03/2008)

Data	Local	Respostas	Acertos
23/03/2007	Locomotiva exposta em frente ao PAI	95	84
02/04/2007	Relojão do Edifício América	150	149
09/04/2007	Hotel Blue Tree	86	86
16/04/2007	Fonte em frente à Catedral	69	58
24/04/2007	Luminárias em frente à Biblioteca Pública	23	16
30/04/2007	Arcos do Museu de Arte de Londrina	90	78
07/05/2007	Fachada do Cine Teatro Ouro Verde	204	180
14/05/2007	Barragem da Usina Três Bocas	37	13
21/05/2007	Monumento ao Viajante próximo à Rodoviária	58	58
28/05/2007	Monumento à Bíblia perto do Lago Igapó	47	47
04/06/2007	Estação Rodoviária de Londrina	*Não informado	40
11/06/2007	Entrada da Reserva da Mata dos Godoy	*Não informado	27
18/06/2007	Estádio Vitorino Gonçalves Dias (VGD)	*Não informado	62
25/06/2007	Edifício Júlio Fuganti	140	123
02/07/2007	Igreja Nossa Senhora de Fátima	43	16
09/07/2007	Barragem do Lago Igapó	112	103
16/07/2007	Planetário de Londrina	33	22
23/07/2007	Praça Nishinomiya	43	39
30/07/2007	Ginásio de Esportes Moringão	50	46
06/08/2007	Aeroporto de Londrina	92	77
13/08/2007	Minarete da Mesquita Rei Faíçal	97	47
20/08/2007	Relógio do Sol na Estação Rodoviária	144	138
27/08/2007	Capela Ecumênica da UEL	75	69
03/09/2007	Caixa d'água da Sanepar na Av. Higienópolis	50	24
10/09/2007	Prédio do Fórum de Londrina	66	52
17/09/2007	Painel de Azulejos na Secretaria de Cultura	48	25
24/09/2007	Portal de entrada da antiga Casa do Papai Noel	11	5
01/10/2007	Concha Acústica	115	110
08/10/2007	Prédio da Agência Central dos Correios	26	19
15/10/2007	Casarão na Avenida Higienópolis	84	67

22/10/2007	Memorial dos Pioneiros	58	51
29/10/2007	Câmara de Vereadores de Londrina	75	53
05/11/2007	Terminal Urbano de Londrina	149	147
12/11/2007	Símbolo da UEL, à frente da instituição	118	111
19/11/2007	Igreja Coração de Maria na Av. Higienópolis	117	97
26/11/2007	Santa Casa de Londrina	150	146
03/12/2007	Detalhe da casa onde funciona a loja TNG	38	8
10/12/2007	Torre da Igreja Metodista Central	69	46
17/12/2007	Bancos da Concha Acústica	35	22
07/01/2008	Portal do Santuário de Schoenstatt	22	15
14/01/2008	Árvore da Vida, escultura no Lago Igapó	33	21
21/01/2008	Anfiteatro do Zerão	75	73
28/01/2008	Igreja Presbiteriana Independente	101	89
11/02/2008	Estátua de Mercúrio no prédio da ACIL	35	32
18/02/2008	Cabine telefônica estilo inglês	45	44
25/02/2008	Memorial Horácio Sabino Coimbra	38	31
03/03/2008	Praça em frente à regional da Copel	38	16
10/03/2008	Shopping Royal Plaza	49	45
17/03/2008	Igreja São Vicente de Paula	35	30
24/03/2008	Casarão na rua Santos, onde funciona a NET	38	23
31/03/2008	Prédio do Banco Itaú <i>Personnalité</i>	48	43

*O jornal não informou o número de respostas enviadas pelos leitores.

Quadro 2 - Quinto ano da coluna (18/01/2011 a 19/12/2011)

Data	Local	Respostas	Acertos
18/01/2011	Muro da AREL	9	6
24/01/2011	Fachada do Hotel Crillon	22	21
31/01/2011	Casarão que abriga o Instituto Cultural Brasil-EUA	27	21
07/02/2011	Igreja Nossa Senhora das Graças	25	14
14/02/2011	Restaurante Dá Licença	84	84
21/02/2011	Planetário de Londrina	54	49
28/02/2011	Chafariz da Av. Madre Leônia com Ayrton Senna	40	27

14/03/2011	Painel de entrada da Escola Evaristo da Veiga	13	11
21/03/2011	Edifício Comercial do Lago	7	2
28/03/2011	Prédio do Franz Hotel	35	32
04/04/2011	Pista de skate do CSU da Vila Portuguesa	30	25
11/04/2011	Galeria Via Palhano, na Av. Ayrton Senna	5	1
18/04/2011	Museu da Sociedade Rural do Paraná	13	9
25/04/2011	Hemocentro do Hospital Universitário	5	0
02/05/2011	Loja Havan	78	60
09/05/2011	Edifício Família Carneiro Martins	6	1
16/05/2011	Associação Brasileira de Educação e Cultura	6	0
23/05/2011	Clínica Psiquiátrica de Londrina	32	3
30/05/2011	Ponte de madeira no aterro do Lago Igapó II	77	74
06/06/2011	Prédio do Ministério Público de Londrina	22	16
13/06/2011	Prédio que recebeu peças do Festival de Teatro (Filo)	5	0
20/06/2011	Fachada do restaurante O Casarão	9	8
27/06/2011	Sede da Associação Kyowa	8	2
04/07/2011	Casa de Portugal	18	14
11/07/2011	Detalhe do Maxwell Hospital Dia de Londrina	18	12
18/07/2011	Fachada Hotel Golden Blue	11	9
25/07/2011	Ecomercado Palhano	54	51
01/08/2011	Pista de Atletismo da UEL	30	26
08/08/2011	Prédio da Funcart	5	3
15/08/2011	Prédio do Buffet Via Parioni	18	10
22/08/2011	Paróquia Santana	14	12
29/08/2011	Fachada do Mercado da Cidade	54	51
05/09/2011	Sede do 1º Distrito Policial de Londrina	5	1
12/09/2011	Lar dos Vovozinhos e Vovozinhas	4	0
19/09/2011	Prédio da Escola Pio XII	15	10
26/09/2011	Prédio da Pietá – Indústria de arte em cimento	18	13
03/10/2011	Templo Budista Hompoji	38	33
10/10/2011	Sede da Fé Baha’I	12	10
17/10/2011	Mosaico do Santuário de Nossa Senhora Aparecida	17	7

24/10/2011	Paróquia São Judas Tadeu	7	4
31/10/2011	Biblioteca Infantil	17	11
07/11/2011	Escola Profissional e Social do Menor de Londrina	1	1
14/11/2011	Prédio do Instituto de Previdência do Estado do PR	17	15
21/11/2011	Estátua da Imaculada Conceição	17	15
28/11/2011	Imagem de São Vicente Palloti	6	2
05/12/2011	Paróquia Nossa Senhora das Graças	25	18
12/12/2011	Casa do Movimento Apostólico de Shoenstatt	11	9
19/12/2011	Detalhe da transmissão digital da RPC TV	14	5

Lugar e não-lugar: espaços de pertencimento e de passagem

Os lugares de uma cidade podem ter diferentes significados para seus habitantes. O que eles representam para cada um vai depender do tipo de relação que se tem com determinado espaço. Para entender por que alguns espaços são mais identificados que outros pelos londrinenses é preciso compreender primeiro os conceitos de lugar e não-lugar. Partindo do pressuposto que as pessoas criam afinidades e desenvolvem identidade com alguns lugares e não com outros, Marc Augé (1994, p. 73) afirma que “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar”.

Com base nos conceitos de Augé, Maria Luisa Hoffmann (2010, p. 28) explica que o lugar, na acepção da antropologia, é tido como um local de pertencimento, onde o sujeito se reconhece, tem enraizamento e vivência. Já o não-lugar é um local de passagem, impessoal, que aparentemente não lhe significa nada.

Pode ser considerado lugar, portanto, o local onde o sujeito reside, trabalha, estuda ou frequenta com assiduidade, como igrejas, clubes, bares, restaurantes ou monumentos, prédios ou espaços públicos que façam parte da história da cidade ou de sua infância e de suas lembranças, assim como algum prédio ou lo-

gradouro pelos quais ele passa diariamente para seus deslocamentos. Como as pessoas são diferentes, os significados para cada uma delas também podem ser diferentes.

O que é familiar ou altamente remissivo para o sujeito, de modo que ele construa uma identidade, pode ser considerado lugar. Um exemplo de lugar para muitos londrinenses, mesmo fugindo dos tradicionais cartões-postais, é o Edifício Júlio Fuganti, localizado na Rua Senador Souza Naves esquina com a Avenida Celso Garcia Cid, no centro da cidade, um prédio histórico, construído entre 1959 e 1965 em meio à prosperidade da economia cafeeira, que abriga dezenas de salas comerciais em 12 pavimentos.

Por conta de sua expressividade e importância histórica, a imagem detalhe do Edifício Comendador Júlio Fuganti foi reconhecida por 123 dos 140 leitores que enviaram respostas ao *Jornal de Londrina* no dia 26 de junho de 2007. Por estar localizado no centro histórico da cidade e abrigar escritórios comerciais por onde circulam centenas de pessoas diariamente, o prédio pode ser considerado como um lugar para muitos londrinenses. “Assim como os cenários, a cidade e sua arquitetura podem criar espaços que geram no sujeito sentimento e relações de afeto.” (Hoffmann, 2010, p. 28).

Outro exemplo de lugar para os londrinenses, que obteve expressivo número de

respostas e alto índice de acertos na coluna publicada dia 9 de julho de 2007, é o Lago Igapó, criado a partir do represamento do Ribeirão Cambé, no final da década de 50. Segundo Carlos Alexandre de Bortolo (2010, p. 11), o principal objetivo de sua construção, na época, era ampliar as áreas de lazer e promover o embelezamento paisagístico de Londrina. O lago é rodeado por imóveis de grande valor no mercado imobiliário e utilizado pela população para a prática de esportes, exercícios físicos, entretenimento e lazer.

O fato de ser considerado um dos mais importantes cartões-postais da cidade pode ter sido a justificativa para que um detalhe da barragem do Lago Igapó (Figura 1) fosse reconhecido por 103 das 112 pessoas que participaram da coluna enviando suas respostas. Mesmo quem não reside em suas proximidades ou não passe com relativa frequência pelo lago o reconhece com um ícone de Londrina (Figura 2).



Figura 1: Detalhe da barragem do Lago Igapó
Fotografia: Roberto Custódio
Fonte: Jornal de Londrina



Figura 2: Plano geral da barragem do Lago Igapó
Fotografia: Roberto Custódio
Fonte: Jornal de Londrina

Com 110 acertos nas 115 respostas enviadas ao *Jornal de Londrina*, a Concha Acústica (Figuras 3 e 4), localizada na região central, também figura entre os espaços públicos mais reconhecidos pelos londrinenses durante o primeiro ano de publicação da coluna semanal. Projetada pelo arquiteto Henrique Mindlin a obra foi construída como uma variação dos tradicionais coretos que estavam em voga em todo o país na década de 50. Desde sua inauguração, o local tem sido palco de apresentações culturais e manifestações populares.



Figura 3: Detalhe da Concha Acústica
Fotografia: Roberto Custódio
Fonte: Jornal de Londrina



Figura 4: Plano geral da Concha Acústica
Fotografia: Roberto Custódio
Fonte: Jornal de Londrina

O lugar, portanto, é constituído a partir de nossas vivências, identidades e experiências de mundo. Assim como o lar, alguns espaços da cidade podem adquirir características de familiaridade e se tornarem íntimos para certas pessoas. “Humanizado, o lugar pode ser o lar, a casa, a rua, o bairro, a cidade ou a nação. Enfim, qualquer ponto de referência, identidade, estabilidade, e segurança.” (Hoffmann, 2010, p. 29).

Por outro lado, os não-lugares não geram identidade nem relação de pertencimento. São locais de passagem.

Por ‘não-lugar’ designamos duas realidades complementares, porém, distintas: espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços. Se as duas relações se correspondem de maneira bastante ampla e, em todo caso, oficialmente (os indivíduos viajam, compram, repousam), não se confundem, mesmo assim, pois os não-lugares medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros que só diz respeito indiretamente a seus fins: assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária. (Augé, 1994, p. 87).

Um exemplo de não-lugar para muitos londrinenses, como demonstrou o resultado da coluna publicada no dia 12 de setembro de 2011 é o Lar dos Vovozinhos e Vovozinhas. Apenas quatro pessoas enviaram suas respostas ao jornal e nenhuma delas acertou que o detalhe fotografado era uma parte da sede da entidade.

O espaço questionado pela coluna foi fundado em 1953, por iniciativa das sociedades civil, espírita e maçonaria. No início, a instituição funcionava como albergue e atendia a população itinerante de todas as idades. Em 1959 foi criado o Lar das Vovozinhas, para atender mulheres idosas e, em 2006, foi suspenso o atendimento a itinerantes e surgiu a ala para homens idosos. Ainda hoje, apesar dos relevantes serviços de assistência aos idosos que presta para a sociedade,

a instituição depende de donativos e trabalho voluntário.

Localizado na Rua Araguaia, na Vila Nova, o lar oferece 60 vagas para idosos carentes, sem condições físicas ou psíquicas de se manterem sozinhos, encaminhados por meio da Secretaria Municipal do Idoso. A rua onde fica a entidade é de grande importância comercial, apesar disso, nem todos os londrinenses transitam com frequência por ela, a não ser aqueles que vivem no bairro ou possuem comércio nas proximidades.

Por se tratar de uma entidade que acolhe apenas cidadãos de avançada faixa etária e condições sociais de vulnerabilidade, o lar não é de interesse nem atrai atenções de boa parte da população londrinense, principalmente por não precisar de seus serviços. O baixo número de respostas (quatro) e o fato de não haver nenhum acerto no questionamento deste espaço pela coluna, poderia caracterizá-lo como um não-lugar, ou seja, um espaço que não faz parte das lembranças, da memória ou da identidade dos londrinenses.

Algumas percepções e constatações com relação ao Lar dos Vovozinhos e Vovozinhas talvez sejam importantes para entendê-lo como um não-lugar. Não se trata de um espaço identitário: ninguém se vê no lar. Todos almejam uma velhice melhor para si e para os seus. Por suas características, o lar é considerado um local de exclusão, a última alternativa para não morrer abandonado e à míngua. Seus residentes são, na maioria, pessoas sem família, abandonadas pelos parentes ou recolhidas das ruas.

Os londrinenses não o reconhecem como um espaço histórico, de importância cultural ou de identidade. O conceito de não-lugar, no entanto, não se estende a todos. Isso porque os 40 funcionários que lá trabalham – e os 60 idosos que lá residem – provavelmente tenham construído uma relação de pertencimento com aquele espaço.

O conceito de não-lugar se tornou mais evidente nos espaços publicados na coluna durante o ano de 2011. Dezesesseis fotografias

detalhes, que questionavam algum espaço, divulgadas no período, tiveram entre zero e cinco acertos. Alguns dos espaços questionados, apesar de conhecidos pela maioria, não possuem características suficientes para a construção de uma identidade com a população. Um dos exemplos é a Clínica Psiquiátrica de Londrina. Quando um detalhe (Figura 5) do prédio (Figura 6) foi publicado em 25 de maio de 2011, 32 leitores participaram da coluna. Apenas três acertaram a resposta, ou seja, menos de 10% dos participantes.

Apesar de estar localizada em uma região movimentada da cidade (Jardim Shangri-lá, na zona oeste) é possível dizer que, assim como o Lar dos Vovozinhos e Vovozinhas, os londrinenses não reconhecem a Clínica Psiquiátrica como um espaço identitário. Ninguém se vê precisando de tratamento psiquiátrico, menos ainda internado nesta clínica. O local também não faz parte de roteiros históricos ou culturais da cidade, portanto, não é capaz de evocar ou despertar lembranças do passado. Se a ideia do não-lugar passa pela falta de referências em relação a determinados espaços da cidade, a memória, por outro lado, é um dos fatores determinantes para a construção de identidade.



Figura 5: Detalhe da Clínica Psiquiátrica de Londrina
Fotografia: Roberto Custódio
Fonte: Jornal de Londrina



Figura 6: Plano geral da Clínica Psiquiátrica de Londrina
Fotografia: Roberto Custódio
Fonte: Jornal de Londrina

Memória e identidade: espaços de referência e identificação

A construção da identidade de determinados espaços urbanos depende da vivência que cada indivíduo experimenta em algum momento de sua vida. Essa identificação com um lugar se dá a partir da memória que as pessoas têm dele. A lembrança de uma brincadeira de infância, por exemplo, pode estar relacionada com uma praça próxima à casa em que o sujeito viveu quando criança. Era ali que as brincadeiras aconteciam e, portanto, o espaço está vivo e presente na memória daquele indivíduo como algo que lhe é familiar. É dessa forma que os cidadãos passam a identificar a cidade e a si próprio com suas memórias.

A memória é indispensável para a formação da identidade. Dificilmente um cidadão gravará a imagem de um espaço que não costuma frequentar, por onde não passa todos os dias ou que não lhe traga lembranças de momentos do passado. É por isso que a formação da identidade está ligada à memória. A ausência de referências torna difícil a identificação de determinados espaços urbanos.

A imagem fotográfica é uma disparadora do “gatilho da memória”, posto que pode trazer à tona sentimentos e histórias, como se apresentasse vestígios do real. Isso explica porque as fotografias de detalhes de espaços públicos ou privados de Londrina podem ser decifradas pelos leitores do jornal. A imagem

remete à memória individual que cada londrinense possui daquele determinado lugar.

Para alguns, certo prédio ou área de lazer faz parte de sua rotina diária, ou do caminho para o trabalho, ou está consolidado em sua memória por ser um ponto de referência da cidade. É por isso que espaços considerados cartões-postais de Londrina, como a Catedral, o Lago Igapó e a Concha Acústica, por exemplo, são campeões no que diz respeito à identificação pelos leitores.

O Cine Teatro Ouro Verde, localizado no calçadão de Londrina, é um exemplo da relação de pertencimento que o cidadão constrói com determinados lugares de sua cidade. Um detalhe do teatro rendeu à coluna a maior participação dos leitores durante seu primeiro ano de publicação. A fotografia veiculada em 7 de maio de 2007 recebeu 204 respostas de leitores. Destes, 180 acertaram que se tratava do teatro.

O Ouro Verde, projetado pelos arquitetos João Batista Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi – tombado pelo Patrimônio Histórico Estadual em 1999 –, completou 60 anos no final de 2012. Porém, dia 12 de fevereiro de 2012, o prédio foi quase totalmente destruído por um incêndio. A fotografia publicada na coluna *Você conhece este lugar?* é anterior à tragédia.

Ambientes ou espaços relacionados a histórias e lembranças, como é o caso do Ouro Verde, ajudam na formação da identidade. O teatro, que no passado funcionava como cinema, está presente na memória de muitos londrinenses desde a infância. A simples lembrança de um filme visto quando ainda criança pode ligar o momento ao teatro, espaço em que a história do longa-metragem foi vivenciada. Dessa forma, o espaço, que no passado era novo e desconhecido, se transformou em lugar de pertencimento e de identidade para a população londrinense.

Para Yi-Fu Tuan (1983, p. 151), o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado. Segundo o autor, o significado de espaço frequentemente se

fundem com o de lugar. “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.” (Tuan, 1983, p. 6). A vivência diária com determinados espaços contribui para que eles se tornem lugares de pertencimento.

Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva. Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência (Tuan, 1983, p. 20-21).

Considerações finais

Mais do que um exercício divertido e desafiante, a coluna *Você conhece este lugar?*, do *Jornal de Londrina*, foi capaz de modificar a forma com que muitos londrinenses observavam a cidade – como este estudo comprovou por meio de entrevistas com seus participantes mais assíduos. As fotografias publicadas semanalmente pelo jornal, como forma de promover interatividade com os leitores, são capazes de despertar lembranças do passado relacionadas com os diferentes espaços da cidade, independente de serem públicos ou privados.

Por meio desta pesquisa parcial e dos conceitos de lugar e não-lugar de Marc Augé foi possível entender por que determinados espaços são mais facilmente identificados que outros. O principal fator é a relação desses espaços com o passado e o presente dos londrinenses. Entre os locais mais identificados pelos leitores e participantes da coluna estão pontos turísticos, monumentos históricos, locais de passagem ou de lazer e entretenimento.

O levantamento realizado para este trabalho também apontou que os londrinenses são capazes de identificar com mais facilit-

dade os espaços públicos que os privados. Isso ficou demonstrado pelo número de participações e acertos no total de 99 fotografias analisadas no primeiro ano (2007) e no quinto ano (2011) de publicação da coluna.

A identificação dos espaços também passa pelos conceitos de memória e identidade. A imagem fotográfica é capaz de disparar o “gatilho da memória”, uma vez que pode trazer à tona sentimentos e histórias sobre determinados lugares ou acontecimentos do passado, motivos pelos quais os londrinenses foram capazes de acertar muitos dos espaços questionados pela coluna. Cada um possui uma vivência ou

lembrança particular de cada ponto da cidade e isso faz diferença na hora de identificá-lo por meio de uma fotografia com apenas um detalhe do todo.

Além de considerar todos esses conceitos, é possível afirmar que a aceitação e longevidade da coluna também dependem da atenção e capacidade de observação da cidade pelos leitores do jornal. Mais que estimular a memória e a trazer à tona a relação de pertencimento que cada cidadão possui com Londrina, a coluna *Você conhece este lugar?* despertou, em centenas de londrinenses, o desejo de conhecer mais a própria cidade e dela sentir orgulho.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.
 DE BORTOLO, Carlos Alexandre. **O Lago Igapó em Londrina**: do idealizado e construído. Uma análise sobre os diferentes agentes produtores do espaço urbano. In: Encontro Nacional dos Geógrafos, n.16. 2010. Porto Alegre.
 HOFFMANN, Maria Luisa. **Guardião de imagens**: “memórias fotográficas” e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Univer-

sidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010, 100p.
 LONDRINA, **Jornal de. Prêmio Nossa Gente de Londrina**: Todos juntos por uma Londrina melhor. 2011. Disponível em: <<http://www.jornaldelondrina.com.br/premiojl/vencedores.phtml>>. Acesso em: 18 set. 2012.
 SHIMBA, Otavio Yassuo; UREN, Flávio Henrique da Rosa. **Londrina cidade cenário**. Londrina: Midiograf, 1999.
 TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.